

A SEDUÇÃO DA *ARS EPISTOLARIS* EM VERGÍLIO FERREIRA

ISABEL ROBOREDO SEARA
Universidade Aberta/CLUNL

Previamente à escrita de um texto no ano em que se comemora o centenário do nascimento do grande Vergílio Ferreira, torna-se naturalmente imperiosa a revisitação da sua obra e a consulta da bibliografia crítica, a fim de alicerçar as parcas e titubeantes reflexões que ousamos esboçar, explicitando *ab initio* a nossa formação linguística, porventura distante das mais eloquentes e fundamentadas análises literárias que dominam este encontro.

Ora, curiosamente, foram vários os textos que nos propusemos ler, nomeadamente alguns de reputados especialistas na obra vergiliana, desde os de Eduardo Lourenço, Maria Alzira Seixo, Luís Mourão, Nelly Novaes Coelho, Liberto Cruz, Maria Aliete Galhoz, Rosa Maria Goulart, Helder Godinho, entre outros e, desculpar-me-ão o destaque, Fernanda Irene da Fonseca que, pela similitude da nossa formação, me iluminou para outras leituras da obra ficcional e diarística do autor. Curiosa e coincidentemente um dos textos da bibliografia crítica, de Luís Mourão, publicado no número 140-141 da *Revista Colóquio/ Letras. Homenagem a Vergílio Ferreira*, intitulado “Como tudo isto” configura igualmente um texto epistolar:

Como tudo isto é tão estranho, meu caro Vergílio Ferreira. Os problemas começam logo com esta simples questão: como é que vou fazer agora com o endereço? É uma questão cheia de consequências. Porque eu escrevia-lhe a imaginar o sítio onde a carta havia de

chegar. Consigo até era fácil, sempre foi muito sedentário: Fontanelas ou a Avenida dos Estados Unidos da América. Mas era muito diferente escrever-lhe para um lugar ou outro, não podia ser a mesma carta, e isso eu tinha de sabê-lo desde o princípio. Às vezes telefonava a confirmar, só depois escrevia.

Para Fontanelas espraiaava-me. Espantosa, esta coisa da linguagem: estava a pensar em tamanhos, as várias páginas para Fontanelas, os quase-postais para Lisboa, podia ter escrito “alongava-me”, talvez mesmo “multiplicava-me”, o que era pior, mas a praia é que está certo, a casa é de campo com pinheiros à volta e silêncio ao alto, mas a praia é que é verdade, vê-se no azul nítido do céu ou no salgado da aragem, um pouco lá ao fundo, um pouco depois de tudo. De modo que para Fontanelas, espraiaava-me. O Vergílio recebia a carta no verão mesmo se fosse inverno de lareira acesa, porque em Fontanelas tem de ser sempre verão e no verão as tardes são longas, não custa ler, a gente mete o sossego de permeio e ainda é dia, a felicidade da luz (Mourão: 7).

Vergílio Ferreira foi um cultor da *ars epistolaris*, quer na sua essência matricial, para colmatar a ausência dos seus interlocutores (de que me permito destacar a correspondência publicada com Jorge de Sena, entre decerto a vastíssima correspondência que está religiosamente guardada no seu espólio e de muitos intelectuais com quem se correspondeu), quer através da epistolografia ficcional. Ensaaiemos, pois, perscrutar o papel da *ars epistolaris* em diferentes obras, para ensaiar demonstrar a ambiguidade resultante do respeito pelas idiossincrasias do género e as propositadas transgressões.

O dialogismo exibido ou escondido que convive com o tom monológico que, de forma inovadora, caracteriza estes textos conduz a uma reflexão sobre os *topoi* que estão presentes obras, nomeadamente os que espelham a carta como *speculum animi*, e como conversação *in absentia*.

Tributário das condições de conservação e ou destruição, espraiaada entre o efêmero e o duradouro, a autenticidade e a usurpação, o texto epistolar sujeita-se e sofre o destino precário dos escritos fragmentários.

Os estudos literários têm, ao longo dos anos, preterido o estudo das correspondências, ao mesmo tempo que se tem assistido a um interesse crescente pelo estudo do romance epistolar e pela edição de correspondências de escritores, privilegiando o esclarecimento de aspetos pessoais e intimistas. Haroche-Bouzinac (1995) ensaia demonstrar que

o gênero epistolar não está no limbo da imperfeição, que não é um gênero limítrofe, paralelo ou menor e que, por isso, não deve merecer o desdém dos teorizadores contemporâneos. Importa rever este olhar e perceber o caráter migratório da palavra – que rumo em silêncio em busca de interlocutor atento, fiel e confidente.

O texto epistolar – como o texto literário que parece imitar ou refutar – é o prolongamento, o reflexo, o eco, o simulacro, intencional ou espontâneo do texto literário. Uma literatura interior e privada, uma “literatura da alma”, segundo Lanson (283). Para além da escolha, decerto premeditada, dos títulos de dois dos seus livros que incluem a palavra CARTA: *Cartas a Sandra* e *Carta ao Futuro*, há múltiplas passagens da sua vasta obra que nos asseveram a importância de que se reveste para o autor o gênero epistolar. Atente-se em alguns excertos de *Escrever*:

Escrever cartas. Está hoje fora de moda como tudo. Porque tudo agora é velocidade, ser-se por fora, usar e deitar ao lixo. Não se escrevem cartas – telefona-se. Não se usa o interior, usa-se a pele. Lê-se pouco o livro, basta a TV, que é um dom divino para o analfabetismo. O telefone dá despacho rápido ao que se comunica por carta. E é mais caro, que é a vantagem de tudo o que tem preço alto, que é ter preço menos comunitário. *A carta. Era do tempo de um viver sossegado, de se percorrer a intimidade de nós e de se estar aí bem. Havia a agitação do que nos agitasse, mas dizê-lo remansamente reconduzia ao sossego.* Era do tempo de ter problemas para os desdobrar em escrita e de se ficar por aí (...). O tempo do silêncio e não dos gritos das massas. O tempo de estar só e não dos encontros de se estar em companhia. *A carta. Memória antiquíssima* a descobrir talvez um dia com os manuscritos do Mar Morto (E: 32-33).

Se a persuasão tem como finalidade a aproximação de um locutor do seu interlocutor, do narrador do seu leitor, envolvendo-o na adesão à mensagem, a carta aparece como emblemática de um processo retórico mais vasto e complexo que tende a abolir toda e qualquer distância, seja física, hierárquica, afetiva ou ideológica, desenvolvendo mecanismos argumentativos, transmitindo informações e, mormente, exprimindo emoções.

Para além desta reflexão ontológica sobre a importância da carta, do silêncio e do sossego da escrita, é evidente que este livro de pensamentos, editado postumamente, tem forte inspiração do que designámos *ars epistolaris*, pois múltiplos dos conselhos e das máximas patenteiam,

explícita ou implicitamente, essas marcas de dialogismo que caracterizam o texto epistolar, através de um dos *topoi* deste gênero que é o da conversação *in absentia*. Este *topos* da conversação *in absentia* é indubitavelmente uma das metáforas reiteradas e profícuas da escrita epistolar. Considerou-se durante muito tempo a correspondência como o reflexo, o prolongamento ou a antecipação de uma comunicação oral face a face.

O *topos* mais frequente do discurso epistolar é, pois, o da ausência. A correspondência apresenta-se como uma compensação, uma consolação do sofrimento provocado pela distância. Este *topos* da carta como conversação na ausência, da carta como substituto “réifié”, é reiterado através da presença de marcadores de oralidade e do empréstimo de verbos “dicendi”. “*Il me semble que je vous parle quand je vous écris, et que vous m’êtes un peu plus présent*”, afirma-se nas *Cartas Portuguesas* (Guilleragues: 87).

Na obra *Escrever*, Vergílio Ferreira reitera essa sua visão decadentista e proscrita da carta, não deixando concomitantemente de anotar a superioridade daqueles que ainda se dedicam a esta prática. Acrescenta uma bela imagem poética da carta como revelação, como portadora de claridade:

130. A carta. Hoje entrou em descrédito ou ao menos em decadência. Naturalmente pensamos que isso se deve às facilidades de comunicação, nomeadamente ao telefone. (...) Mas sobretudo é de pensar o que significa uma carta para quem a escreve. Porque é uma forma solitária de comunicar e o homem hoje é tão de ser em público. (...) *Uma carta vai de uma sombra a outra e tudo agora é de uma intensa claridade* (...) E uma carta fixa de nós uma pessoa responsável. E o tempo e o trabalho que exige escrevê-la. E que esforço para decidir nos sinais os mais legíveis. Porque ler é mobilizar em nós todas as faculdades activas. *O entendimento a memória a imaginação. Uma carta. Um impensável só pensável na lentidão genesiaca do carro de bois. E na intimidade da cadeia de azeite...* (E: 85).

Assim, discordamos da tese de Sandra Cabral dos Santos¹ que defende que, apesar de ser uma técnica recorrente nas obras romanescas

¹ Afirma a autora: “Técnica recorrente nas obras romanescas vergilianas, a carta é, ao invés do que sugere a estrutura “tradicional” da sua utilização, um veículo para a incomunicação, constituindo um exercício de autoquestionamento, um processo mental autorreflexivo de um sujeito em demanda de si próprio – um outro “eu”, objeto também, por isso, de análise, que se vai, intencionalmente, estruturando ao longo das trocas epistolares, compondo um quadro imaginário paralelo ao real. (Santos: 12-13).

vergilianas, a carta é um veículo para a incomunicação, configurando um exercício reflexivo de auto-questionamento.

A carta é por excelência o veículo de comunicação: com o interlocutor, com o leitor, deixando antever a dimensão relacional, a sua natureza dúplice, as vozes que nela estão inscritas.

Este *topos* da conversação *in absentia* é referido pelo próprio escritor que assim inicia uma carta pessoal enviada a Mário Dionísio:

Évora, 27 – Setembro – 953 (*Rua da Mesquita*, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Embora a sua carta não implique uma resposta, nem por isso deixo de escrever-lhe, ao menos pelo gosto que também tenho de conversar – sobretudo quando converso por escrito (apud Serra: 65).

Também numa missiva de Vergílio para Alberto da Costa e Silva, inédita e publicada recentemente no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, escrita de Fontanelas, a 6 de abril de 1966, o escritor reitera este mesmo *topos* da coloquialidade das cartas entre amigos que servem como já Eça tinha subscrito para cavaquear. Escreve Vergílio:

Caríssimo Alberto,

Foi uma grande alegria receber notícias tuas e à falta de uma boa cavaqueira nesta Lisboa que se me vai envelhecendo rapidamente, aqui estou a conversar contigo enquanto a noite não vem de todo (CACS: 8)

Inclusivamente, como sublinha Vergílio Ferreira (em *Escrever*) subjaz ao prazer de ler uma carta ou uma passagem de um diário a comunhão com o outro, porque a carta é o espelho da alma: *speculum animi*.

156. Um diário. Uma carta. Ou simplesmente as memórias. Nós lêmo-las com um prazer diferente de uma obra de arte ou mesmo da arte que está nelas. Não é bem o de saber o que aconteceu, mas o de estarmos nós acontecendo nisso que aconteceu. (...) Ler uma obra de Cícero ou uma sua carta é passar do que apenas se valoriza pela qualidade literária ao que lhe acrescenta de vida vivida a que podemos assistir e que de certo modo tomamos parte” (E: 101-102).

Esta metáfora da carta como *eikôn psychès*, *imago cordis*, *speculum animi* é muito produtiva desde a Antiguidade (Müller: 138-157). Esta metáfora da carta como espelho da alma radica já em S. Paulo, na Segunda Carta aos Coríntios, quando o apóstolo se justifica “Não vos queremos dizer coisa alguma diferente da que ledes nas nossas cartas, o que vós reconheceis” (*Coríntios*: 1-13), ilustrando, assim, o mito duplo da sinceridade e da espontaneidade. A metáfora do espelho estava imbuída, na época medieval, de uma conotação moralista, ligada à imagem do *speculum perfectionis*, ou seja, do espelho como reflexo perfeito e irrepreensível. A correlação pressupõe três fundamentos que, segundo Haroche-Bouzinac, indiciam três intenções: o espelho é um modelo, um retrato e um lugar de reflexão ou de meditação, correspondendo a estas três coordenadas as exigências, respectivamente, da orientação moral, da confissão do “eu” e do desabrochar das reflexões.

A carta, imagem da alma do epistológrafo, pode também tornar-se um *thesaurum cordis*, fundindo-se esta imagem com a de dádiva: a carta oferece um retrato do modelo espiritual. E o que são as obras *Pensar*, *Escrever* para além de máximas de vida, reflexões didático-filosóficas que o autor nos remete, nos endereça?!

Bastará abrímos *Em Nome da Terra*, para percebermos essa relevância do epistolar: “Querida. Veio-me hoje uma vontade enorme de te amar: vou-te escrever. Mas não te quero amar no tempo em que te não lembro” (ENT: 9). E à semelhança da modalidade recapitulativa que caracteriza a narrativa epistolar, do diálogo *in absentia*, anteriormente referido, continua, inundada de apóstrofes, vocativos e de termos carinhosos: “Porque o inacreditável é que se ama, querida, e não o que é real, que diabo me importa agora o real? (ENT: 13)”. As marcas de oralidade, comuns na correspondência, pontuam a narrativa: “Como tu estás? Vais-me dizer – não digas. Estava uma noite quente, vagueámos à beira-rio, não digas. (...) Espera não foi bem assim (...)” (ENT: 11).

Por seu turno, em *Conta-Corrente IV* acusa a dificuldade da escrita do seu epistolar de ficção, anotando os constrangimentos da revisão de *Cartas a Sandra*:

Escrever a carta. Copiá-la e ir fazendo emendas. Vê-la várias vezes e ir emendando outra vez. Que coisa difícil uma carta de amor. Nós é que não imaginávamos quando as escrevíamos. Era coisa entre dois, valia tudo. Mas agora é entre Paulo e os leitores e eu a aguentar

com o carrego. (...) Ter-me-ei safado? O vocabulário do amor é tão escasso. Mais talvez do que o do boletim meteorológico. A ver. A ver” (CCNS4: 208).

Um dia apenas volvido nova entrada do diário retoma a confissão da dificuldade de escrever cartas:

Como só agora soube quão terrível de dificuldade é escrever uma carta de amor. E presumia eu escrever um pacote delas para dar um livro. Mas vou tentar. Ai vou, vou. Logo que acabe o romance, vou-me ao maior em epístola. (CCNS4: 209).

E, como afirma Manuela Parreira da Silva:

A postura do epistológrafo, confrontado com o papel em branco e o horizonte de espera do seu destinatário, assemelha-se, sem dúvida, à postura do escritor-poeta face à sua obra por nascer. Quando o epistológrafo é simultaneamente escritor ou poeta, as fronteiras diluem-se, “car avec la lettre on ne saura plus jamais où on est, encore dans la avie ou déjà dans le texte, de toute façon dans cet “entre” de la biographie et de la littérature qui dérègle toutes les oppositions et les assignations” (Silva: 23).

O texto epistolar é escrito para ser desvendado pelo outro a quem se destina (correspondente ou leitor), cumprindo simultaneamente a função de criar um espaço narcísico de afirmação pessoal, comungando, por isso, da mesma natureza do texto diarístico e autobiográfico que representa metonimicamente.

Por seu turno, sabemos que texto epistolar, ao ser destinado a uma segunda pessoa, real ou fictícia, ausente mas presente, imita o ato de criação poética (ou artística). A escrita epistolar presentifica o outro, compensando a sua ausência, configurando, por isso, um gesto continuado e irremediável de confiança, de partilha das emoções.

Os estudiosos da obra vergiliana sublinham a dimensão ensaística da ficção e do diário, em que a forma epigramática das reflexões espelha essa estética do fragmento que o escritor superiormente cultiva².

² Esta ideia é corroborada por Rosa Maria Goulart: “É conhecida a dimensão ensaística dos romances e do diário vergilianos (...). Até no modo como se passa de uma actividade mais cerebral e mais argumentativa à explanação (...) de um dizer emotivo que não se contém ante o espectáculo de alguma parcela do mundo ou perante o fascínio da linguagem” (Goulart, 2008: 375).

Embora alguns reconheçam a sedução³ que o texto epistolar despoleta explicitamente em Vergílio Ferreira⁴, estranhamente persistem na dicotomia texto literário/texto epistolar, relegando e preterindo esta forma milenar de comunicação que, como mostraram já Cícero e Sêneca, deve merecer um olhar mais cuidado. O género epistolar não exige apenas um destinatário, como afirma Goulart (1995: 294). Se assim fosse, na mais remota tradição epistolográfica não figurariam as cartas bíblicas com destinatários coletivos, como todos sabemos (Carta aos Romanos, aos Tessalonisenses, aos Gálatas). Subscrevemos a noção de Altman (1982) de “epistolaridade” que instaura a noção de presentificação *na* ausência e *pela* ausência, igualmente anotada por Helena Carvalhão Buescu:

Esta estratégia epistolar age no sentido da manutenção da co-presença entre a vida e a morte, a presença e a ausência, o passado e o presente, o corpo e a memória – a “epistolaridade”, porque de alguma forma presentifica, implica o exercício da relação de comunicação (Buescu: 132-133).

Será que a epistolografia “vive sobretudo dos circunstancialismos do quotidiano e fica nas margens da escrita nobre”, como adverte Goulart (1995: 296)? Decorrerá esta ilação de uma passagem de *Conta-Corrente* em que o diarista afirma:

Pensando-me no que fui nos vários romances já escritos, nos ensaios, nas cartas aos amigos, mesma nalguma acidental versalhada e enfim nesta *Conta-Corrente*, julgo que onde fui mais autêntico foi justamente na “ficção”, como oportunamente o fui menos nas cartas e no diário. Isto é paradoxal e todavia não o é. A “ficção” – já o disse – lança uma cortina disso mesmo à nossa volta e defendidos por ela dizemos tudo. Não porque o determinemos dizer (o que logo o invalidaria), mas porque o dizemos sem querer – e é exactamente por isso que o crítico ou o psicanalista é quem melhor o pode determinar.

³ Atente-se nesta afirmação peremptória de Rosa Maria Goulart: “Estranha sedução esta, a da carta, para Vergílio Ferreira.” (Goulart, 1995: 294).

⁴ Vejam-se, a este propósito, os estudos de Rosa Maria Goulart: “Vergílio Ferreira: o diálogo epistolar”; Isabel Cristina Rodrigues, “Cartas a Sandra de Vergílio Ferreira: encenação do diálogo epistolar” e José Rodrigues de Paiva, “A epistolografia ensaística e ficcional em Vergílio Ferreira”.

Quem escreve uma carta ou um diário sabe que se pressupõe que se vai dizer a verdade. E isso mobiliza logo em nós toda uma estratégia de defesa (CC3: 152).

É, pois, necessário, entender a *ars epistolaris* que exerce um fascínio sobre o autor, quer seja na vasta correspondência que mantém com os seus pares, quer na constante convocação desta moldura para enquadrar os seus textos mais profundos, quer, sobretudo, para ludibriar literariamente, numa mescla genológica que cativa o outro, o destinatário virtual, o interlocutor real, o leitor potencial.

Poderemos, pois, aludir a vários exemplos para testemunhar como o epistolar contamina a obra vergiliana. Pensando *Em Nome da Terra*, concordamos com Óscar Lopes quando assume que (este romance) “é concebido como uma longa e redemoinhante evocação apostrofada a uma mulher já morta, por parte do viúvo, que ainda, e desesperadamente, a ama, num lar de terceira idade, em que o seu corpo caquético e estropiado, e toda a sua pessoa, passam pelos mais pungentes vexames” (Lopes: 27).

Não é vão o início empolgante deste romance, abertura canónica de uma carta de amor atrás citada. E esta assunção do género epistolar amoroso ultrapassa outras passagens da obra:

E agora, querida, vou descansar um pouco. Tenho muita coisa para te dizer, mas agora apeteceu-me não ter. Estendo-me na cama, não sei se já te falei do quarto. É uma forma de estares aqui comigo mais perto, e mesmo esta carta é um pequeno truque para estares (ENT: 59).

Não chores. Não te enteneças. Sê dura implacável carnívora como a fatalidade que aguenta. Minha querida Mónica. Como te quero. Como sufoco a olhar-te, é uma foto do imaginário. Hei-de olhá-la mais intensamente lá para diante, vai tão longa já esta carta (ENT: 240).

Para Sempre é inquestionavelmente uma carta de amor. Como bem anota Rosa Maria Goulart, “Paulo evoca a mãe que fica, como que petrificada, durante anos à janela esperando o carteiro, símbolo da “boa-nova”, de todas as cartas pacientemente esperadas” (Goulart: 1995: 301). O próprio narrador assume essa natureza amorosa da sua escrita:

O amor. Mas há que escrever primeiro uma carta para ele ser plausível. Escrevo. Sandra, gosto muito de si. Escrevo-a com aplicação,

em febre pós-prandial. Eu saíra a comprar papel e envelope, era uma carta cor-de-rosa, custou-me cinco tostões. Sandra – escrevo. Foram três folhas de rascunho, que o amor é tão difícil (PS: 64).

Atente-se, ainda, na seguinte passagem que espelha esta natureza amorosa:

De uma vez não pude mais, escrevi-te uma carta em que me sangrei todo. Disse: “vou dizer-te tudo”. O que eu disse. Um dia, Sandra, oh, quantas vezes me disseste coisas assim. (...)

Assim. Escrevi-lhe uma carta do tamanho da minha paixão, meti-a no bolso, saí. Mas chegado ao marco do correio. Parei, meti a mão ao bolso, fui dar mais uma volta de reflexão. Saber a palavra certa, o gesto certo, a atitude justa. Mas o que é que está certo para ti? Voltei ao marco do correio, meti a mão ao bolso. Mas quando estava já a metê-la na ranhura. Fui dar mais uma volta. (PS: 137)

Este dizer o amor, na forma epistolar, surge, dialógica e sub-repticiamente, no conto derradeiro da obra *Contos*, coincidentemente intitulado “Carta”, em que surge esse chamamento, essa interpelação, no cenário da noite, com todas as expressões do epistolar amoroso, esse espaço íntimo onde se desenham movimentos pulsionais de regressão e de transgressão (Cf. Brenot: 36), como dilação do silêncio:

Os cães adormecem enfim, sob o grande céu de estrelas. Não há lua. Nem vento. (...) Se tu viesses. Eu te imagino, desde o fundo do meu cansaço, silenciosa e grave como esta hora final, como um apelo obscuro vindo do abismo do tempo. Um halo de sombra coroa o teu olhar, a tua presença é quente como o fluido da ternura (C: 235)

Para Brenot, a carta de amor surge como uma tentativa de diálogo, para lá da distância temporal, espacial, social ou moral sendo um monólogo-diálogo virtual, sendo o emblema da solidão de quem escreve e a forma literária primeira, nomeadamente pelas condições que se lhe impõem: o silêncio e o recolhimento, por vezes, a noite, um certo refúgio em si próprio que se confunde com introspeção, uma expressão intensa do desejo. Configura, assim, o lugar das confidências e das declarações. Formula-se a ausência, exprime-se o desejo, constitui-se como espaço de diálogo.

Carta ao Futuro é, por sua vez, uma escolha deliberada do título de um ensaio que nomeia o processo comunicativo que visa estabelecer com um potencial destinatário, permitindo-lhe discorrer naturalmente sobre o que o fascina, mas não descurando uma reflexão inicial, que se pospõe ao vocativo inaugural “meu amigo”, em que evidencia a superioridade do gesto epistolar:

Escrevo pelo prazer de comunicar. Mas se sempre estimei a epistolografia, é porque ela é a forma de comunicação mais directa que suporta uma larga margem de silêncio; porque ela é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo. Além disso, seduz-me o halo de aventura que rodeia uma carta: papel de acaso, redigido numa hora intervalar, um vento de acaso o leva pelos caminhos, o perde ou não aí, o atira ao cesto dos papéis e do olvido, ou o guarda entre os sinais da memória (CAF: 9-10).

Para finalizar, uma breve referência a *Cartas a Sandra*, uma obra póstuma de Vergílio Ferreira, já anunciada repetidamente no seu diário:

29-Outubro (quinta. E aí está. Acabei de escrever a “Carta a Sandra”. Mas pode verificar alguns embaraços com que não contava inteiramente. Assim, pois, escrever um volume com tais cartas é uma proeza extremamente difícil. Antes de mais, pude confirmar o “ridículo” delas, porque é extremamente apertado o seu campo de manobra. O amor como decerto todo o sentir é muito curto de vocabulário. De modo que se esgota rapidamente e um simples bilhete já é de mais. (...)

Mas como raio se há-de escrever uma carta de amor senão usando a linguagem do amor? Acabou-se, escrevi a “Carta a Sandra”. Não sei ainda o que lá está, mas vou sabe-lo quando a copiar. Terei atravessado o lume sem me chamuscar? Terei sido amorosos sem pieguice e melaço? (...)

De todo o modo, o que mais fundo me pesa é a ideia de que esgotei tudo. Como diabo pensar em mais cartas? Só se for a falar não do amor mas da sua vária circunstância. Mas foi bom ter feito a experiência que é (ou era) a madre do saber (CCNS4: 206-207).

São dez missivas de amor. Como sublinha Liberto Cruz:

É em termos sadios, onde a sensualidade, o amor, o arrebatamento, a paixão, a inquietude, a ânsia, o amor, o desassossego, o respeito,

a saudade e coisas e loisas do quotidiano se envolvem e digladiam (...) e, por essa razão, o crítico considera que “*Cartas a Sandra* são (...) um epílogo feliz e um testamento de amor a coroar a carreira de um dos maiores escritores deste século (Cruz: 14-16).

Paulo lembra e reinventa Sandra de forma apaixonada e trá-la à vida através da linguagem amorosa, através da lembrança de gestos que desenrodilha a evocação.

E é esta impossibilidade da presença da interlocutora, esta necessidade de “presentificar a personagem a quem a mensagem se destina e restituir a relação amorosa, interrompida pela morte”, a que alude Isabel Cristina Rodrigues (Rodrigues: 4) que ilustra a tese de Kauffman (1990): nem sempre a carta serve para colmatar a distância, inversa e recorrentemente esta forma eloquente de comunicação só é escrita para distanciar o outro (caso das cartas de separação) ou justamente quando já não podem ser lidas, como é o caso destas, em que se evidencia a ausência total. E como sublinha Brenot:

L’absence devient ainsi la condition première de la lettre d’amour, absence qui crée un vide et fait naître le désir, absence qui maintient la distance, absence nécessaire, douloureuse, absence souffrance, solitude, désespoir. La lettre d’amour est le lieu de toutes les modalités d’absence, car l’amour s’adresse à un manque et l’écrit en est le seul témoignage vivant (Brenot: 14).

Deliberada e serenamente, a voz literária de Vergílio Ferreira põe em cena esta sedução pela *ars epistolaris*, esta dinâmica da interpelação, a que justamente aludem as palavras de Kaufman “Au départ il y a quelque chose de magique dans la lettre. Elle fait miroiter l’imminence d’une réunion” (Kauffman: 13).

Referências Bibliográficas

De Vergílio Ferreira:

(2011), *Contos*, Lisboa, Quetzal [1979].

(1985), *Carta ao Futuro*, Lisboa, Bertrand [1958].

(1983), *Conta-Corrente III*, Lisboa, Bertrand.

(1986), *Conta-Corrente IV*, Lisboa, Bertrand.

- (1994), *Conta-Corrente IV-Nova Série*, Lisboa, Bertrand.
- (2001), *Escrever*, Lisboa, Bertrand.
- (2015), *Em Nome da Terra*, Lisboa, Quetzal, [1990].
- (1983), *Para Sempre*, Lisboa, Bertrand.
- ALTMAN, Janet Gurkin, (1982). *Epistolarity. Approaches to a form*, Columbus, Ohio State University Press.
- BERRINI, Beatriz, (1995). “Presença e Significação do pronome de primeira pessoa na ficção de Vergílio Ferreira”. *Vergílio Ferreira – cinquenta anos de vida literária. Actas do Colóquio Interdisciplinar* (org. e coord. Fernanda Irene da Fonseca), Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, 93-105.
- BUESCU, Helena Carvalhão, (1995). “Do corpo e da memória”, *Vergílio Ferreira – cinquenta anos de vida literária. Actas do Colóquio Interdisciplinar, Op. Cit.*, 129-137.
- BRENOT, Philippe, (2000). *De la lettre d’amour*, Paris, Zulma.
- CRUZ, Liberto, (1996). “Homenagem a Vergílio Ferreira/O último livro de Vergílio Ferreira [crítica a *Cartas a Sandra*, de Vergílio Ferreira]”, *Colóquio-Letras*, n.º 140-141, Abril, 14-15.
- FONSECA, Fernanda Irene, (1992). *Vergílio Ferreira: a celebração da palavra*, Coimbra, Almedina.
- FONSECA, Fernanda Irene, (1993). “Vergílio Ferreira: uma escrita que (se) pensa”, 63.ª *Feira do Livro/Porto '93 (Público-Especial)*, suplemento de *Público*, n.º 1172, de 21 de Maio, 20-21.
- GOULART, Rosa Maria, (1990). *Romance Lírico – o percurso de Vergílio Ferreira*, Lisboa, Bertrand.
- GOULART, Rosa Maria, (1995). “Vergílio Ferreira: o diálogo epistolar”. *Vergílio Ferreira – cinquenta anos de vida literária. Actas do Colóquio Interdisciplinar, Op. Cit.*, 293-304.
- GOULART, Rosa Maria, (2008). “A escrita do fragmento: ensaio, diário ao “romance aos quadradinhos?””. *O Fascínio da Linguagem. Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, Porto, Faculdade de Letras e Centro de Linguística da Universidade do Porto, 365-396.
- GUILLERAGUES, (1983). *Lettres Portugaises, Lettres d’une Péruvienne et autres romans d’amour par lettres*, Bernard Bray et Isabelle Landy-Houillon (dir.), Paris, Flammarion.
- HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève, (1995). *L’épistolaire*, Paris, Hachette.
- KAUFFMAN, Vincent, (1990). *L’équivoque épistolaire*, Paris, Minuit.
- LANSON, Gustave, (1965). *Essais de méthode, de critique et d’histoire littéraire*, Paris, Hachette.

- LOPES, Óscar, (1995). “A Vergílio Ferreira”. *Vergílio Ferreira – cinquenta anos de vida literária. Actas do Colóquio Interdisciplinar, Op. Cit.*, 25-34.
- MOURÃO, Luís, (1996). “Como tudo isto”, *Colóquio-Letras*, N.º 140-141, Abril, 7-12.
- MÜLLER, W., (1980). “Der Brief als Spiegel der Seele”. Zur Geschichte eines Topos der Epistolartheorie von der Antike bis zu Samuel Richardson”, *Antike und Abendland*, n.º 26, 138-157.
- PAIVA, José Rodrigues, (s/d). “A epistolografia ensaística e ficcional em Vergílio Ferreira, disponível em http://www.geocities.ws/ail_br/aepistolografiaensaistica.htm (consultado a 30.01.2016).
- RODRIGUES, Isabel Cristina, (1999). “Cartas a Sandra de Vergílio Ferreira: encenação do diálogo epistolar”, disponível em <http://www2.dlc.ua.pt> (consultado a 30.01.2016).
- SANTOS, Sandra Maria Cabral dos, (2014). *Cartas a Sandra: a simbiose entre o privado e o filosófico*, Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SERRA, Carlos Filipe Ramos, (2012). *Vergílio Ferreira-Mário Dionísio. Correspondência (1950-1967)*, Trabalho de projeto de Mestrado em Edição de Texto, FCSH-UNL.
- SILVA, Manuela Parreira da, (2004). “Reflexão Prévia sobre o Discurso Epistolar”, *Realidade e Ficção. Para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 11-37.